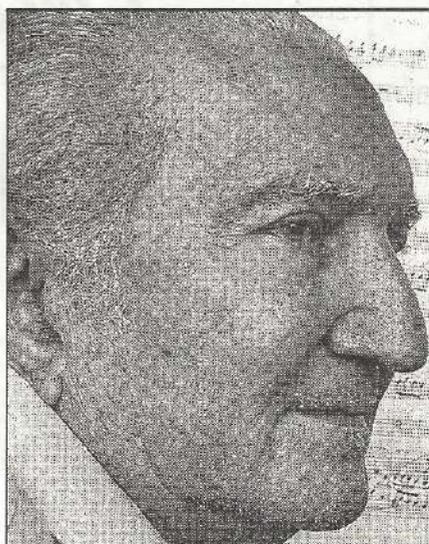
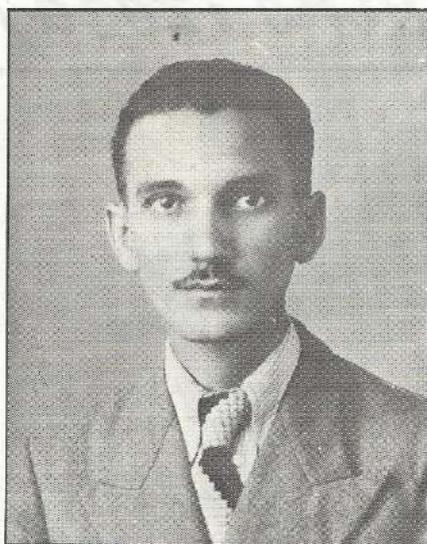




*Wilson Fonseca*  
*(Maestro Izoca)*

# de quem se fala

*este maestro*



(Foto: Paula Sampaio)

# Wilson Fonseca

## Resumo Biográfico

WILSON DIAS DA FONSECA (IZOCA), 82 anos, filho de José Agostinho da Fonseca (1886-1945) e Anna Dias da Fonseca (1886-1971), casado com Rosilda Malheiros da Fonseca (6 filhos), funcionário aposentado do Banco do Brasil (de 1941 a 1972), é escritor, pesquisador, poeta, pianista, organista, maestro e compositor, nascido em Santarém, Estado do Pará (17.11.1912), praticamente autodidata, tendo iniciado seus estudos musicais em 1920 com o pai, maestro e compositor.

Em 1922 já tocava "ferrinho" (triângulo) em banda de música de seu genitor, com quem aprendeu vários instrumentos de sopro, contrabaixo de cordas e violino.

Em 1925 aprendeu a tocar requinta, passando depois para o clarinete e em seguida para o saxofone alto, instrumento que executava na "Sinfonia Franciscana", conjunto infanto-juvenil organizado por Frei Ambrósio Philipsenburg O.F.M., ao mesmo tempo em que funcionava como pianista no "Assembléia-Jazz-Band" de seu genitor.

Como pianista, faz parte do quarteto que atuava nos Cinemas "Vitória" e "Olimpia", ao tempo da cena muda, até o ano de 1936.

Atuou como pianista e saxofonista do "Enterpe-Jazz", conjunto criado e dirigido por seu pai. Com o afastamento deste, motivo de saúde, Wilson Fonseca assume a direção da orquestra no período de 1936 a 1953.

Em 1931 estréia como compositor, produzindo inicialmente uma série de peças ligeiras de estilo popular. Sua primeira composição é a valsa para piano "Beatrice", dedicada a uma sobrinha. A peça foi criada para sonorização de cena de um filme, na época do cinema mudo, cuja sincronia era feita por Izoca, em Santarém(PA).

A partitura da valsa "Beatrice" é publicada na edição de 06.09.1934 pelo "Jornal das Moças", no Rio de Janeiro. Essa revista carioca acolhe outras composições suas (cerca de 20), todas do gênero popular e que são divulgadas pela Rádio Mairynk Veiga, da antiga Capital da República.

Em 1936 faz uma experiência no gênero de composição sacra, surgindo a "Ladainha nº 1", para duas vozes iguais com acompanhamento de órgão. Depois produz vários hinos religiosos e uma "Ave-Maria" para o texto latino, e colabora desde o início, como instrumentista, com o movimento coral que os Marianos vinham pondo em prática.

Ainda em 1936 compõe a parte musical da revista-fantasia de costumes regionais intitulada "Olho de Boto", peça teatral escrita por Flávio Tapajós (Felisbello Sussuarana) e alguns números para "Cadê Nhá Cularinda?", de Paulo Rodrigues dos Santos, levadas ao palco do extinto "Teatro Vitória", em Santarém(PA). Nesse mesmo ano compõe o "Hino do Centro Recreativo", editado em 1959 na gráfica dos Irmãos Vitale, de São Paulo. No mesmo ano assume a cadeira de teoria musical e canto no Colégio "Barão do Rio Branco", em sua cidade natal.

Em 1941 compõe a marcha "Santarém" que aplicada à letra de Paulo Rodrigues dos Santos em 1948, tornou-se canto oficial das comemorações do 1º Centenário da elevação de Santarém à categoria de cidade, e que mais tarde veio a ser adotado oficialmente como "Hino de Santarém" (Lei Municipal nº 245, de 22.10.1971).

Em parceria com Frei Feliciano Trigueiro O.F.M., então professor do "Ginásio Dom Amando", em Santarém, organiza festivais de arte e várias orquestras integradas por um grupo de sacerdotes e músicos santarenos. Nas sessões musicais os números de piano a quatro mãos eram executados pelas duplas Wilson Fonseca/Anita Fonseca (irmã de W.F.) ou Wilson Fonseca/Frei Feliciano, sendo este considerado um dos maiores compositores sacros do País.

Em 1948 funda a "Sociedade Musical de Santarém", da qual tem sido o seu único presidente.

Ainda nesse ano compõe a abertura sinfônica "Centenário de Santarém" (1848-1948), peça que também foi transcrita para piano solo e adaptada para piano a 4 mãos.

Em 1949 cria uma Escola para ensino gratuito de música instrumental e teoria. No ano seguinte, organiza um coral de moças denominado "Coro da Boa Vontade".

Em 1951 firma-se o seu interesse pela música sacra. A partir de então, estuda composição organística e vocal. E porque necessitasse de orientação, troca correspondência com o renomado mestre alemão Frei Pedro Sinzig O.F.M., residente no Rio de Janeiro, dele recebendo lições preciosas. A sua Missa "Mater Imaculata" para 4 vozes mistas e órgão merece aprovação da "Comissão Arquidiocesana de Música Sacra" (RJ), com atestado firmado por aquele saudoso mestre.

No mesmo ano funda, com o auxílio de seu

irmão Wilde Fonseca, o "Coro da Catedral de Santarém", grupo musical cujo repertório vai desde o gênero sacro, sua principal atividade, passando por peças regionais ou populares, folclóricas e eruditas. A Wilson Fonseca coube as funções de Diretor e Organista, enquanto que a Wilde, a de Regente. Em 1974 o conjunto altera sua denominação para "Coral de Santarém", chegando a contar com 150 integrantes.

Falecido Frei Pedro Sinzig, voltou-se W.F. para Frei Alberto Kruse (Tomás Samaí), com quem continuou, desde 1952, os estudos e ampliou os seus conhecimentos de contraponto e polifonia. São desse período as suas Missas "In Honore, Sancti Joseph", "In Honorem Sanctae Annae", "In Honorem Sancti Augustini", além de uma coletânea de 23 hinos (cantatas) em honra à Virgem Maria, intitulada "Maria, Nossa Canção", com texto em português de Padre Manuel Albuquerque.

Ainda em 1952 passou a colaborar na revista especializada "Música Sacra" da Editora Vozes de Petrópolis e manteve uma coluna versando sobre música no período de 1952 a 1955, no semanário "Baixo-Amazonas", de Santarém e, mais recentemente vem participando da equipe que redige o opúsculo que circula por ocasião da Festividade de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Santarém, além de colaborações em outros jornais, inclusive da capital paraense.

Em abril de 1958 a sua composição "Ecce Sacerdos Magnus" para 4 vozes mistas e órgão, editada pela Gráfica Irmãos Vitale (SP), é cantada pelo Coro do Seminário Franciscano de Mayslake (USA), por ocasião do cortejo que ingressou na Catedral de Chicago, para sagração episcopal de D. Tiago Ryan, Bispo-Prelado de Santarém.

Em agosto desse ano, músicas suas figuram na Exposição de Música Sacra realizada em Recife(PE), durante o "V Congresso de Música Sacra" na capital pernambucana, quando é cantada a sua "Ave-Maria" para 3 vozes mistas à capella, pelo "Coral da Faculdade de Filosofia de Recife".

Em novembro do mesmo ano, Gioconda Peluso, notável soprano santarena, radicada em São Paulo, inclui peças de autoria de Wilson Fonseca em seu repertório no recital de canto levado a efeito no "Lyceum Club Internazionale di Napoli", na Itália.

Não contando mais com o Tomás Samaí (Frei Alberto Kruse), falecido em 1956, Izoca envia algumas de suas músicas sacras para o Dr. Heinrich Lemacher, Catedrático da Academia Nacional de Colônia e Professor do Instituto Científico de Música da Universidade, e daquele mestre alemão recebe convite para fazer um estágio em Colônia (Alemanha), deixando de atender o chamado por não dispor de meios e dada a sua condição de funcionário

do Banco do Brasil.

Ainda em 1958 grava, ao piano, em São Paulo (SP), dois discos em 78 RPM com as músicas "Interrogação" (tango), "Maria das Dores" (valsas), "Conceição" (valsas), de sua autoria, e "Um meigo sorriso" (valsas), de José Agostinho da Fonseca, seu pai.

Em novembro de 1959 a soprano Gioconda Peluso volta a interpretar peças de Wilson Fonseca em recital no Teatro Municipal de São Paulo.

No mesmo ano, o tenor santareno Expedito Toscano grava em São Paulo três discos de 78 RPM com as músicas "Ana Helena" (valsas), "Canção de Minha Saudade" (canção), "Lua Branca" (canção), "Rosilda" (valsas) "Bernadete" (valsas), de Wilson Fonseca, e "Canção da Saudade", de José Agostinho da Fonseca.

Em 1963 funda, em parceria com seu irmão Wilde Fonseca, a Banda de Música (atual Filarmônica) "Prof" José Agostinho", inicialmente com 30 figuras.

Integra as comissões organizadoras e julgadoras do 1º Festival de Música Popular do Baixo-Amazonas, realizado em dezembro de 1970, em Santarém. O Festival é presidido pelo Maestro Waldemar Henrique, de quem recebe convite para apresentar-se no Teatro da Paz, em Belém.

A idéia foi ampliada e resultou na realização de uma "Semana de Santarém", com a participação de três dezenas de artistas santarenos (amostras de cerâmica tapajoara, artesanato, pintura, poesia, fotografias e música), no período de 23 a 27 de outubro de 1972, no Teatro da Paz, em Belém, idealizada por Waldemar Henrique. O evento, bastante concorrido, foi encerrado com um concerto da Orquestra e do Madrigal da Universidade Federal do Pará, que interpretaram diversas composições de Wilson Fonseca, tais como: "Centenário de Santarém" (abertura sinfônica), "Quando canta o uirapuru" (canto amazônico), "Be-lém Belém" (canto triunfal) e "Acalanto" (melodia de seu filho Vicente Fonseca).

Durante a "Semana de Santarém" (1972) o Governador do Estado do Pará (Dr. Fernando José de Leão Guilhon) lançou dois discos compactos contendo, além de "Tambatajá" (Waldemar Henrique) e "Hino do Estado do Pará" (José Cândido Gama Malcher), as peças de Wilson Fonseca intituladas "Canção de Minha Saudade" (letra de Wilmar Dias da Fonseca) e "Hino de Santarém" (letra de Paulo Rodrigues dos Santos), gravadas no Rio de Janeiro pela Orquestra Sinfônica Nacional e Coro da Rádio Ministério da Educação e Cultura (MEC), sob a regência do Maestro Nelson Nilo Hack.

Em razão do êxito da "Semana Santarena", recebeu votos de congratulações da Câmara

Municipal de Santarém e o Título de "Honra ao Mérito" da Assembléia Legislativa do Estado do Pará, este entregue em sessão especial no ano de 1976.

Em 1973 integra um grupo de artistas santarenos convidados pela VARIG para apresentar-se em Porto Alegre (RS) na 30ª Assembléia Geral Ordinária do Colégio "Rubem Berta", quando são executadas diversas músicas de sua autoria.

Em março de 1974 o soprano paraense Maria Helena Coelho Cardoso inclui "Lenda do Boto" e "Canção de Minha Saudade" em seu recital levado a efeito no Teatro da Paz, em Belém (PA).

Em 1975 lança o cancionário "Santarém Cantando" (5.000 exemplares), editado pela Imprensa Oficial do Estado do Pará. No mesmo ano é nomeado Diretor-Presidente da "Casa da Cultura de Santarém" (Portaria Municipal nº 553, de 12.03.1975), cargo que exerceu até o ano de 1980, demitindo-se por motivo de saúde. E integra o grupo que reinstala a "Sociedade Etnográfica e Literária Santarena", fundada em 07.09.1872 pelo cientista Barbosa Rodrigues.

Em 1976 recebe do Conselho Regional da Ordem dos Músicos do Brasil, no Pará, certificado pelos bons serviços prestados à classe musical.

A sua composição "Terra Querida" dá título ao disco LP do conjunto santareno "Os Hippies", lançado em 1977, com músicas de autores locais.

Em 17 de novembro de 1977, quando completa 65 anos de idade, apresenta-se ao piano, em promoção da Rede Paraense de Música, em convênio com o MEC/FUNARTE/INM, na sala de concertos do Colégio "Gentil Bittencourt", em Belém (PA), com um programa constituído de músicas de sua autoria e de seu pai. Na ocasião presta homenagem, executando músicas da época, às extintas orquestras da cena muda, pelo transcurso de 50 anos de seu desaparecimento, com o advento do cinema falado em 1927.

No mesmo ano ocorre o lançamento do I Volume (Coral) de sua Obra Musical, na "Casa da Cultura de Santarém", presente o Governador do Estado do Pará, Profº Aloysio da Costa Chaves, sendo agraciado com diversas comendas.

Em 22 de novembro de 1978, pela passagem da Semana do Músico, é agraciado pela Ordem dos Músicos do Brasil (Pará) e Prefeitura Municipal de Belém, com medalha de Honra ao Mérito.

Por Decreto nº 11.128 de 01.03.1979, do Governador Clóvis Silva de Moraes Rêgo, foi admitido no Quadro Regular do Mérito Grão-Pará, no grau de Oficial, recebendo as insígnias em cerimônia realizada em 14.03.1979 no Salão dos Presidentes do Palácio Lauro Sodré, em Belém (PA).

Em 1980 oferece à Sua Santidade, o Papa João

Paulo II, por ocasião de sua visita ao Brasil, em Belém (PA), o II Volume (Música Sacra) de sua Obra Musical, lançado, numa feliz coincidência, naquela oportunidade.

Em cerimônia presidida pelo Governador do Estado do Pará, Cel. Alacid da Silva Nunes, realizada em 1º.06.1982 no Teatro da Paz (Belém), toma posse como Membro eleito da Academia Paraense de Música (Cadeira nº 24, que tem como Patrono José Agostinho da Fonseca, seu falecido genitor).

É contemplado com a comenda "Padre João Felipe Bettendorf", conferida pela Câmara Municipal de Santarém, em solenidade especial realizada em 22.06.1982, data comemorativa da fundação da cidade.

Em junho de 1983 lança, em Santarém (PA), a sua coletânea "Santarém Brincando de Roda", com um Apêndice de 10 cantigas de ninar, editada pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Possui cerca de oitocentas (800) composições musicais, algumas de largas proporções. Nesse cômputo, entretanto, não figuram - pelo fato do autor não haver conservado originais ou cópias em seus arquivos - as inúmeras musiquetas compostas para cordões da quadra junina, grupos pastoris, teatrinhos escolares e nem os incontáveis arranjos, harmonizações, instrumentações e adaptações de peças suas e de outros autores, notadamente para piano, órgão, pequenas orquestras, banda-de-música, "jazz-band", canto etc., trabalhos que já ultrapassaram a casa do milhar.

O conjunto das produções de Wilson Fonseca, compositor bastante eclético, compreende músicas das mais variadas espécies: sacras, tangos, canções, modinhas, toadas, foxs, boleros, valsas, sambas, maxixes, choros, marchas, hinos, dobrados (quase 50), marchas para procissões e fúnebres. Destacam-se ainda a Abertura Sinfônica "Centenário de Santarém" (1948), "América 500 Anos" (poema sinfônico, com opção para vozes no movimento final, 1992), "Cantata Nazarena" (deceto para flauta, saxofone-alto, pandeiro ou maracá, tambor-carimbó, vozes, órgão e triângulo, 1993), 2 noturnos, 1 sonatina (para piano e transcrição para quinteto de cordas), dança coreográfica do Tipiti, inúmeras peças para coral a 2, 3 e 4 vozes, diversos números para piano solo, piano a 4 mãos, canto e piano, e várias peças de câmara (solos, duetos, trios, quartetos, quintetos, decetos de sopros e/ou cordas etc.). Quase toda a sua obra, porém, encontra-se praticamente inédita.

O catálogo de sua obra musical encontra-se atualmente assim organizado: Coral (I); Sacra (II); Valsas, Modinhas, Toadas, Tangos e Canções (III); Orquestra, Trio e Duetos (IV); Músicas para Banda

(V a VIII); Sambas, Marchas, Foxs e Boleros (IX); Diversos (X a XIII), dentre peças sinfônicas (como é o caso do poema sinfônico "América 500 Anos", de 1992), mais de 10 missas - inclusive com textos latinos -, inúmeros conjuntos de câmara, peças para piano solo e a 4 mãos, canto, arranjo etc. Há várias composições com letras também de sua autoria, tais como as diversas canções inspiradas em temas folclóricos e nas belezas naturais de sua terra natal.

Compositor prolífico, tem mais de 10 Missas, inclusive com texto latino, para vozes mistas, órgão e orquestra sinfônica, além das peças já referidas.

Dos atuais 13 volumes de sua "Obra Musical", 4 apenas foram editados (3 pelo Governo do Estado do Pará, em diversas administrações (de 1977 a 1984), e 1 sob os auspícios de seus filhos (1982), quase todos músicos amadores, por tradição de família.

Dedica-se ainda ao estudo do folclore e da história da Amazônia. O livro intitulado "Meu Baú Mocarongo", obra inédita, atualmente em 11 volumes, tem sido fonte de consultas para estudantes, pesquisadores e jornalistas, há cerca de meio século.

Membro fundador da Academia Paraense de Música (cadeira nº 24, cujo patrono é seu pai, maestro José Agostinho da Fonseca, 1886-1945), e eleito membro da Academia Paraense de Letras (cadeira nº 7).

Obras suas são executadas durante o "X Encontro de Arte de Belém", promovido em outubro de 1983 pela Universidade Federal do Pará e realizado no Auditório do Centro de Estudos Superiores do Pará (CESEP) e no Teatro da Paz.

Em novembro daquele mesmo ano é lançado, em Santarém, o disco LP "À foz de um rio azul - TINHO interpreta Wilson Fonseca", contendo 16 faixas selecionadas do repertório popular, abrangendo o período semi-secular de 1933/1983.

Foi homenageado com a gravação de suas composições e de seu pai, no disco LP, coleção "Nos Originais" (vol. 3), editado pela Universidade Federal do Pará, em 1992, quando completou 80 anos de

idade, por sua dedicação à arte e à cultura amazônia e brasileira.

No mesmo ano, foram realizados diversos eventos em Santarém e em Belém, em comemoração à data, destacando-se um Concerto, no Teatro da Paz, na capital paraense, quando foram executadas peças de sua autoria, por intérpretes brasileiros e estrangeiros.

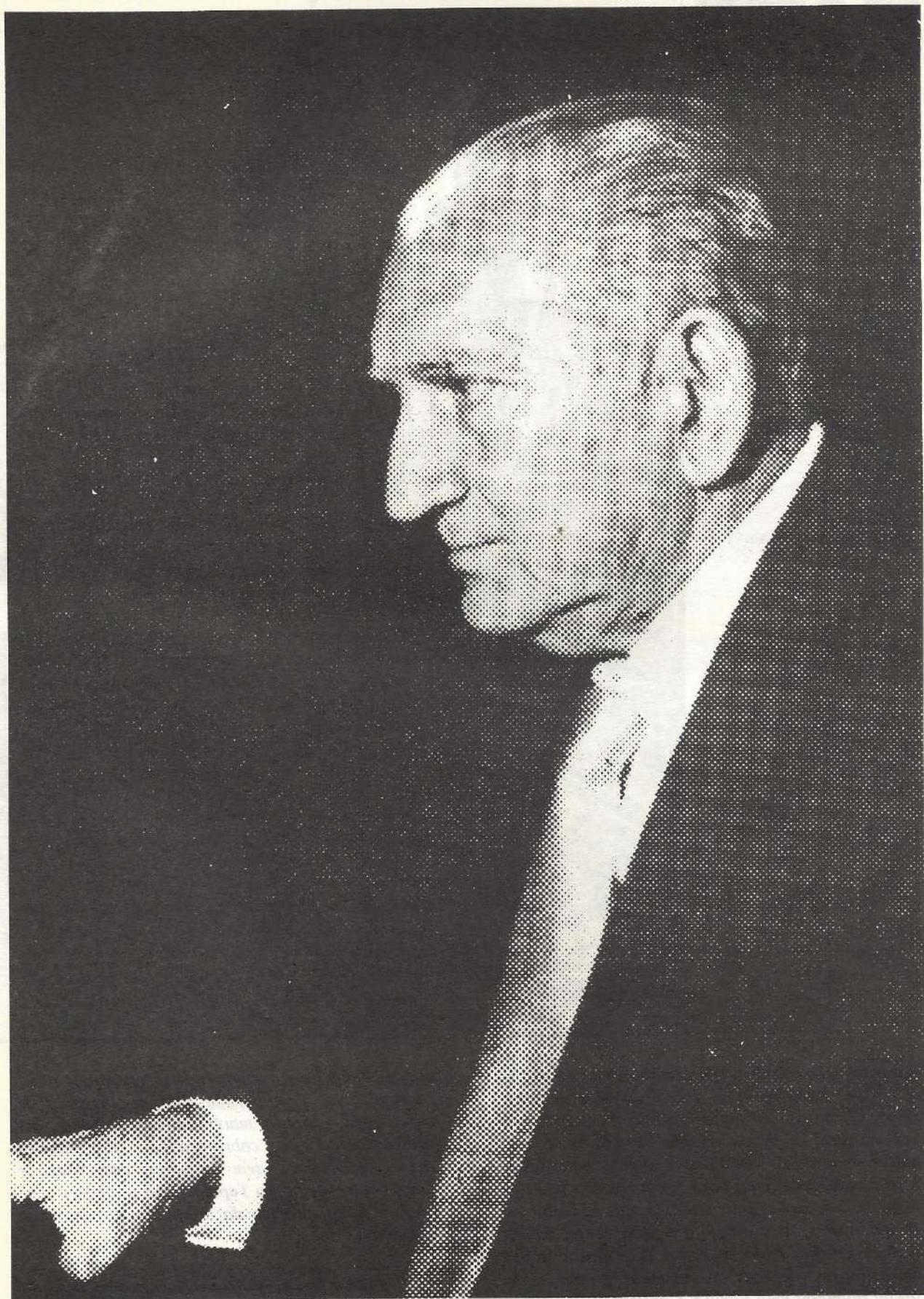
Em Santarém (PA), a Escola de Música mantida pela Fundação "Carlos Gomes", inaugurada em 1994, leva o seu nome.

Músicas de sua autoria também foram incluídas no Compact Disc (CD) intitulado "A Música e o Pará" (obras para piano, interpretadas pelo Duo Pianístico da Universidade Federal do Pará), recentemente lançado em Belém (1995): "Travesso" (choro-estudo nº 5) e "Good bye, my girl" (one step, sobre tema original de seu pai, José Agostinho da Fonseca).

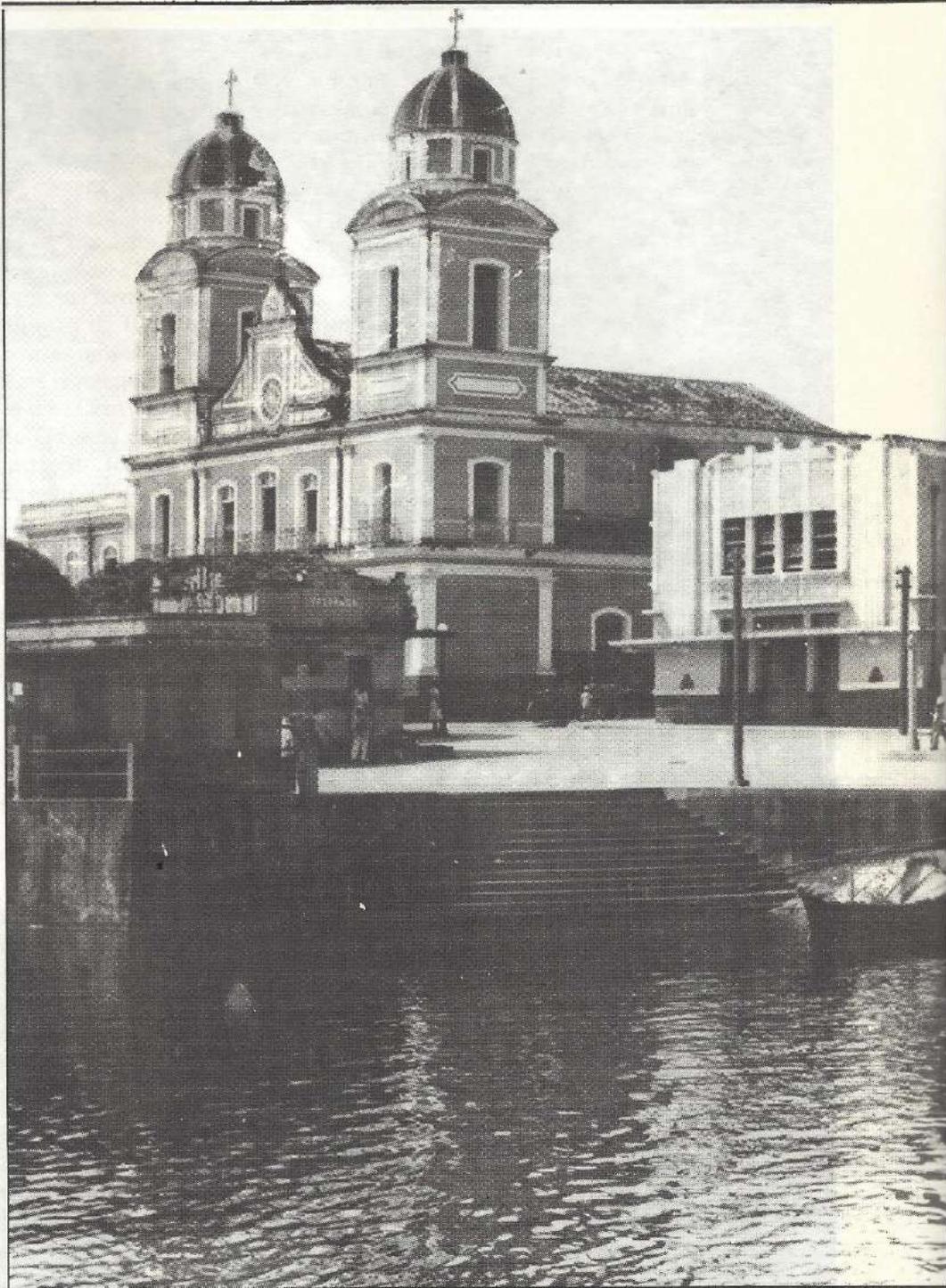
Em agosto de 1995 é realizado um recital em sua homenagem ("Hino a Santarém"), no Teatro "Margarida Schiwazzappa" (Centur), em Belém (PA), sob os auspícios da Secretaria Estadual da Cultura (Governo do Estado do Pará), em comemoração ao transcurso do 75º aniversário de vida musical do maestro paraense, com a participação de diversos cantores e instrumentistas nacionais e estrangeiros, evento gravado para efeito de futuro lançamento de um disco (CD), custeado pela entidade promotora ("Projeto Uirapuru").

Em 15 de setembro de 1995, toma posse na Academia Paraense de Letras, cadeira número 7, substituindo o maestro Waldemar Henrique. Depois de 100 anos, APL empossa pela primeira vez um santareno.

Em outubro de 1995, é homenageado pela Universidade da Amazônia (UNAMA), na programação do Projeto "Esse Rio é Minha Rua", com o lançamento o nº 03 da Revista "Asas da Palavra", a exemplo do que já ocorreu com o maestro Waldemar Henrique e o poeta Ruy Barata, no corrente ano.



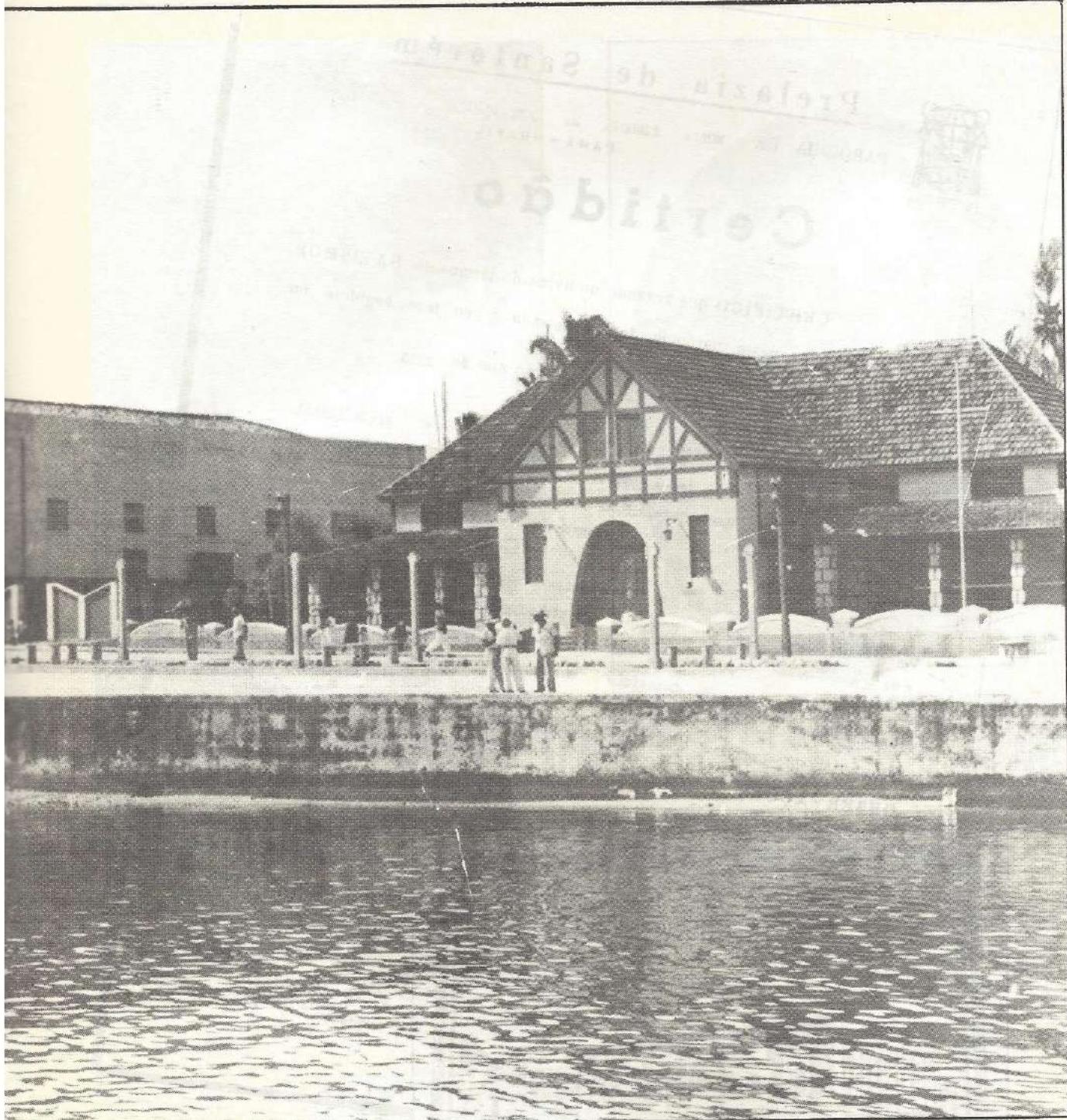
# Raiz



**E**ra costume em Santarém as famílias sentarem-se à porta da rua de suas casas, nas noites quentes de verão, para aproveitarem a fresca amiga, agradável. E nas noites enluaradas, iam à praia, onde o vento leste, acariciante, contribuía para que a reunião familiar fosse mais aconchegante ainda, graças ao ambiente de lua, praias, risos e rios. E a praia preferida era a do Trapiche, onde se podia ver, nessas noites maravilhosas, dezenas de pequenos grupos, cada grupo reunindo uma família. Cantava-se, tocava-se

violão, bandolim; namorava-se, as crianças riam, corriam, brincavam de roda, de cipó queimado, de cabra-cega, riam mais ainda quando na brincadeira de cobra-grande o rabeira desprevenido dava, sem o querer, com roupa e tudo, um mergulho no Tapajós. Era a alegria, essa alegria sadia, própria da criança e da juventude santarena.”

(Wilmar Dias da Fonseca em José Agostinho Fonseca. O Músico Poeta)



**Vista da Cidade de Santarém (PA), tendo em destaque a Igreja da Matriz, o Cinema Olimpia e o Centro Recreativo. (Arquivo dos filhos do Dr. Silvério e Adélia Sirotheau Corrêa)**



# Prelazia de Santarém

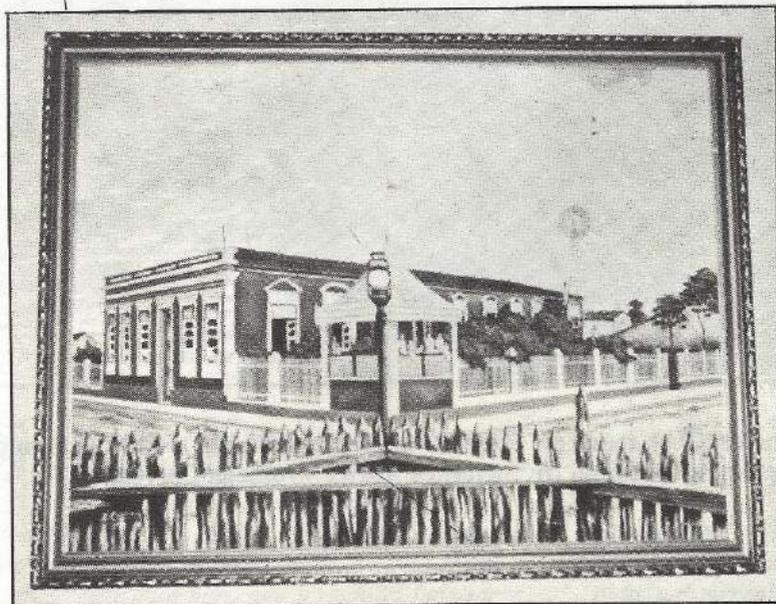
PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
PARÁ - BRASIL

## Certidão

CERTIFICO que revendo os livros de termos de BATISMOS realizados nesta paróquia foi encontrado o do teor seguinte no Livro 30 fl. 60 N.º 44 do ano de 1913

Aos dezanove (19) de janeiro de mil novecentos e treze (1913) na Igreja (paróquia) Catedral de Nossa Senhora da Conceição pelo Rev. Frei João Manderfelt, O.F.M. foi solenemente batizado o: "WILSON" nascido (a) no dia dezanove (19) de novembro de mil novecentos e doze (1912) filho (a) legítimo de José Agostinho da Fonseca e de Ana Dias da Fonseca Foram padrinhos José Esteves Dias e Graziella de Souza Braga

### OBSERVAÇÕES



elmente copiado do original.

unho de 1976  
Wilson Zolner  
Pároco

Nesta casa denominada Vila Paraíso (foi demolida em 1992) que se situava na rua Floriano Peixoto nº 506 (antigo nº 34 em Santarém, Pará), nasceu Wilson Fonseca a 17 de novembro de 1912. Reprodução de uma foto de 1910, executada a óleo por Elias do Rosário, em 1990.



**D. Aninhas (Anna Esteves Dias Fonseca)  
mãe de Izoca (1908)**



**O pai de Izoca: Maestro José Agostinho  
da Fonseca (foto de 1928)**

**“O** chão romântico da recepcionante e acolhedora cidade de Santarém fora o espaço em que se entrecruzaram, se enredaram e se enlearam, durante quarenta anos, os caminhos do Professor José Agostinho da Fonseca. Para o falado feitiço do mais belo rio do mundo - o Tapajós -, levava ele o feitiço da sua mocidade sonhadora e o fascínio do seu talento musical. Ali ele sonhou, amou, construiu a família, criou e educou os filhos. Ali ele plantou e viu dar frutos, viçosa e frondosa, a árvore da amizade fraternal. E, ali, transmitiu a centenas de jovens o seu saber, a sua arte e o seu sonho de perfeição, formando gerações de virtuosos do piano, do violino, do bandolim, do contrabaixo e dos instrumentos de sopro e de percussão”.

**(Genesisino Braga)**



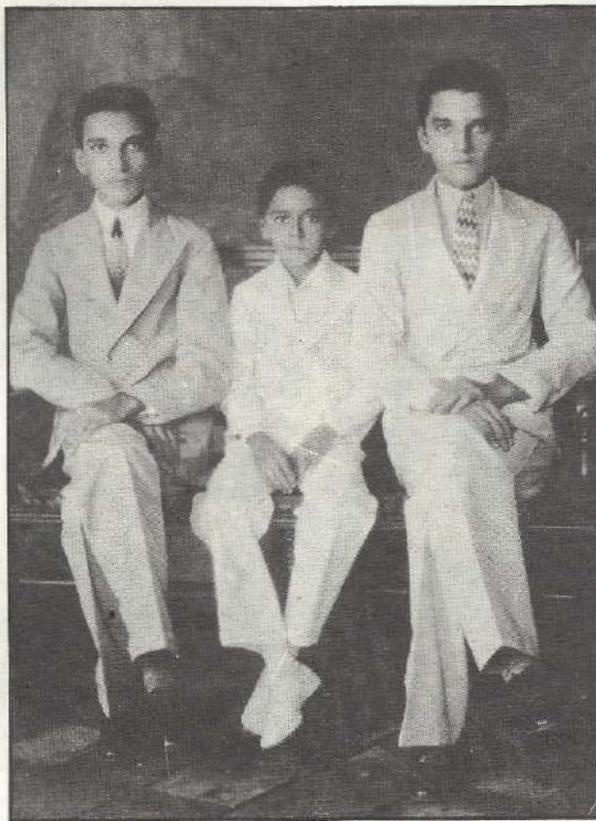
**Wilson Fonseca (na ponta, à direita) e irmãos:  
Maria Anita, Wilmar, Wilde, Antonia, Maria  
Adahyl - Foto de 1924**

RETALHOS DE MEMÓRIA

1927



1932



“... tirávamos eu, ele e Wilde fotografias ...”

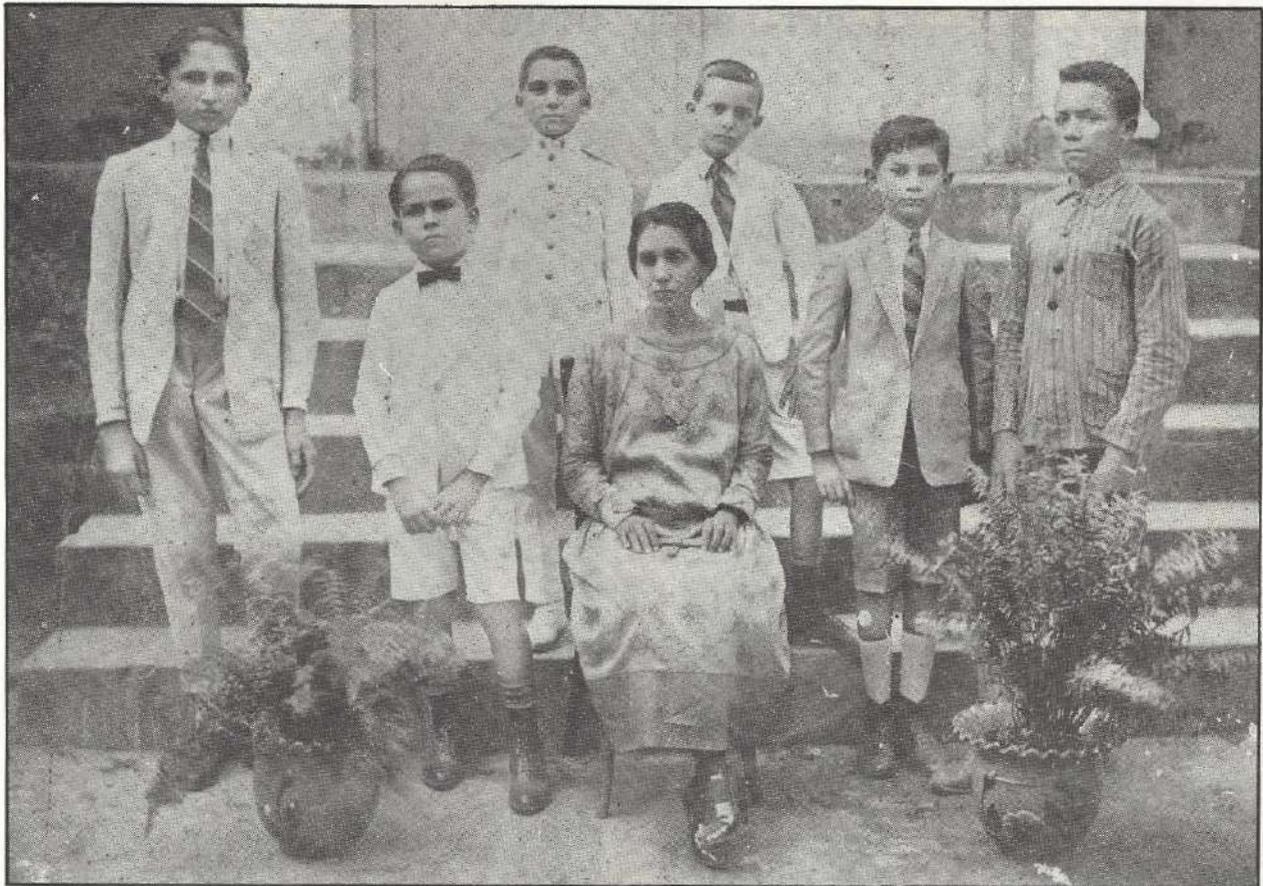


Santarém (PA) - 1928



1929 “... tomamos banho no Tapajós ...”  
(Wilson, Stênio, Cipriano e Wilmar)

A montagem e as legendas são do maestro Wilson Fonseca



Wilson Fonseca com a professora Olympia Lima Nunes e os colegas Miguel Campos, Nicanor Gentil, Ernesto Chaves, Waldemar Collares e Raymundo Coimbra (Santarém - 19.11.1925)



Foto (reduzida) do diploma de Estudos Primários. Santarém, 05 de abril de 1929

8.ª REGIÃO MILITAR

20.ª Circunscrição de Recrutamento  
ESTADO DO PARÁ



Certific.

**CERTIFICADO**  
- DE -  
ALISTAMENTO MILITAR

Cidadão **WILSON DIAS DA FONSECA**

DISTRIC.

Sa

certifico que se diri,  
ar deste distrito e  
ar alistado por haver  
e idade, o cidadão:



Belém(PA) - 1933



Belém(PA) - 1937



São Paulo(SP) - 1953

Classe de 1912

Wilson Dias da Fonseca

Filho de José Agostinho da Fonseca e Ana Dias da Fonseca-

Nasceu em 17 de Novembro de 1912

Natural do Estado de Pará

Município de Santarém

Estado em Santarém

Estado civil Solteiro

Funcionário judicial

Prever Sim

Ma

iana

inhos-crespos

s

Visíveis, não tem

ção de nascimento

heiro de 1940

Presidente

8.ª REGIÃO MILITAR  
20.ª CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO  
ESTADO DO PARÁ

20.ª Divisão Eleitoral-Pará  
Tribunal Regional

**TÍTULO DE ELEITOR**

12.ª zona Santarém ESTADO DO PARÁ  
Domicílio eleitoral Santarém (Município)  
Número de ordem da inscrição 11111111111111111111  
Data da inscrição no cartório 11 de Junho de 1912  
NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (per extenso)  
Wilson Dias da Fonseca  
Filiação José Agostinho da Fonseca  
Naturalidade Santarém, Pará  
Idade 41 anos - Data do nascimento 17 de Novembro de 1912  
Estado civil solteiro  
Profissão Advogado  
Wilson Dias da Fonseca  
ASSINATURA DO ELEITOR

O presente título é expedido de acordo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado do Pará e recebe o número 11111111111111111111 do mês de agosto do ano de mil novecentos e trinta e quatro

Dentes da Secretaria

Polegar direito

Formata dactiloscópica

CARTÃO

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO  
ESTADO DO PARÁ  
COMARCA DE SANTARÉM

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL  
2º OFÍCIO  
OFICIAL VITALICÍO

SANTINO SIROTHEAU CORREA  
OFICIAL SUBSTITUTO  
- JOÃO DE GUSMA ALHO

CERTIDÃO DE CASAMENTO



*Certifico, em virtude de atribuição Civil de Casamentos numero B-17, de ordem Hum mil e cinquenta e um dezesessis (16) - - - - - novecentos e quarenta e um (1) perante o Juiz Substituto da Comarca e as testemunhas Hito de Vasco Walter Guimarães P. Silva, Bontea, Carmen Henningto receberam-se em matrimonio, si WILSON DIAS DA FONSECA - - - - - que passou a assinar ROSA Ele, nascido a dezessete desta cidade - - - - - de profissão comerciante da Fonseca e dono Ela, nascida a vinte e oito desta cidade - - - - - de profissão p. dor da Silva e do Observações O. João de Gusma Alho*

LIVRO N.º 20  
Paróquia de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO FOLHAS 78  
Cidade de Santarém  
Diocese de Santarém Estado de Pará

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que no dia dezessis (16) do ano de mil novecentos e noventa e um (1941) do mês de agosto na Matriz (Nossa Senhora da Conceição) de Nossa Senhora da Conceição pelo celebrante Frei Edmundo Bonkosch, O.F.M. casaram-se WILSON DIAS DA FONSECA e ROSA HENNINGTON MALHEIROS. ele nascido na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em 17 de novembro de 1912 filho legítimo de José Agostinho da Fonseca e Ana Dias da Fonseca ela nascida na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em 20 de fevereiro de 1918 filha natural de Vicente Malheiros da Silva e Eula Hennington Malheiros dispensados no impedimento de Foram testemunhas José Agostinho da Fonseca e esposa Miguel Campos e esposa Santarém 17 de março de 1941

T. E. D. S/A - Out. 192/1  
19 JAN 1941  
SANTARÉM - PARÁ



1991 ab original

# Família



Rosilda e Wilson

16.08.1941

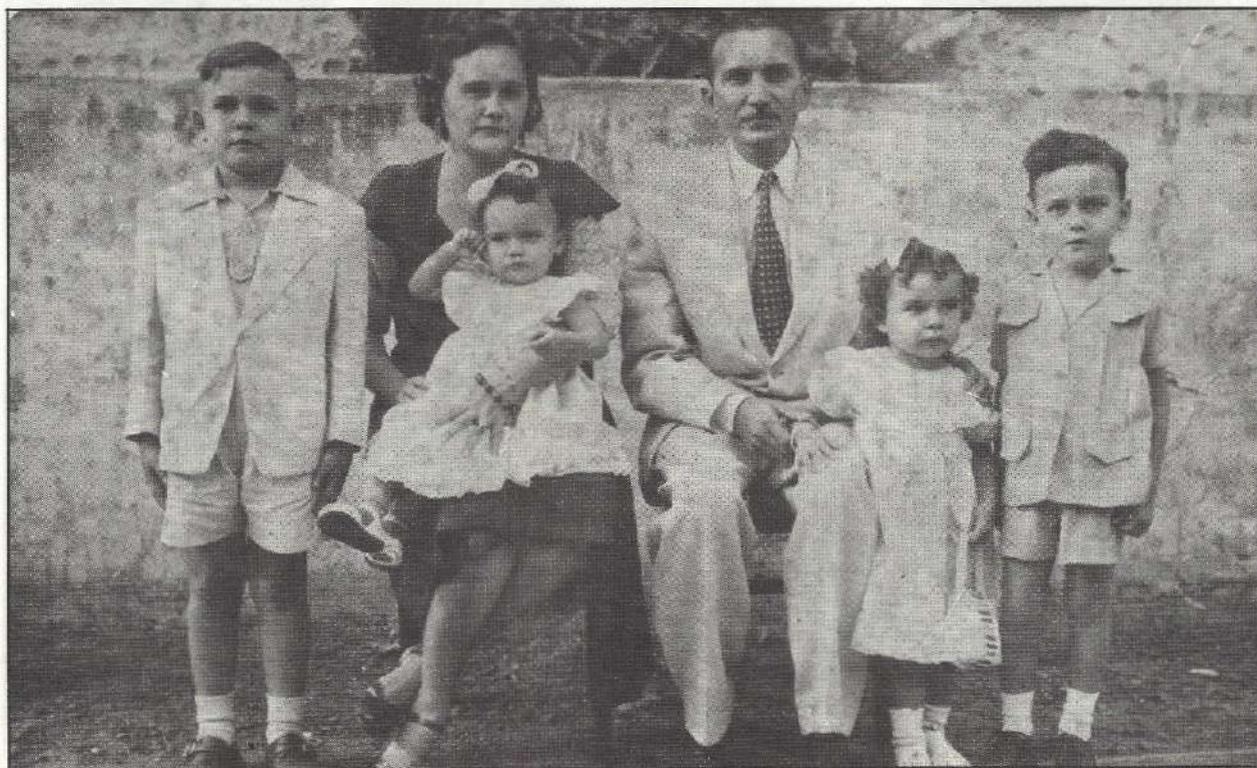
Janeiro de 1952



1º plano: Salete e Lourdes

2º plano: José Wilson, Rosilda e Conceição, Maria das Dores, Ninita e Miguel José, Graça, Aninhas, Fátima, Adahyl, Vicente, Neusa e José Augusto e Miguel Augusto.

3º plano: Wilson, Miguel, Wilmar e Wilde



José Wilson, Rosilda e Conceição, Wilson e Maria das Dores e Vicente José

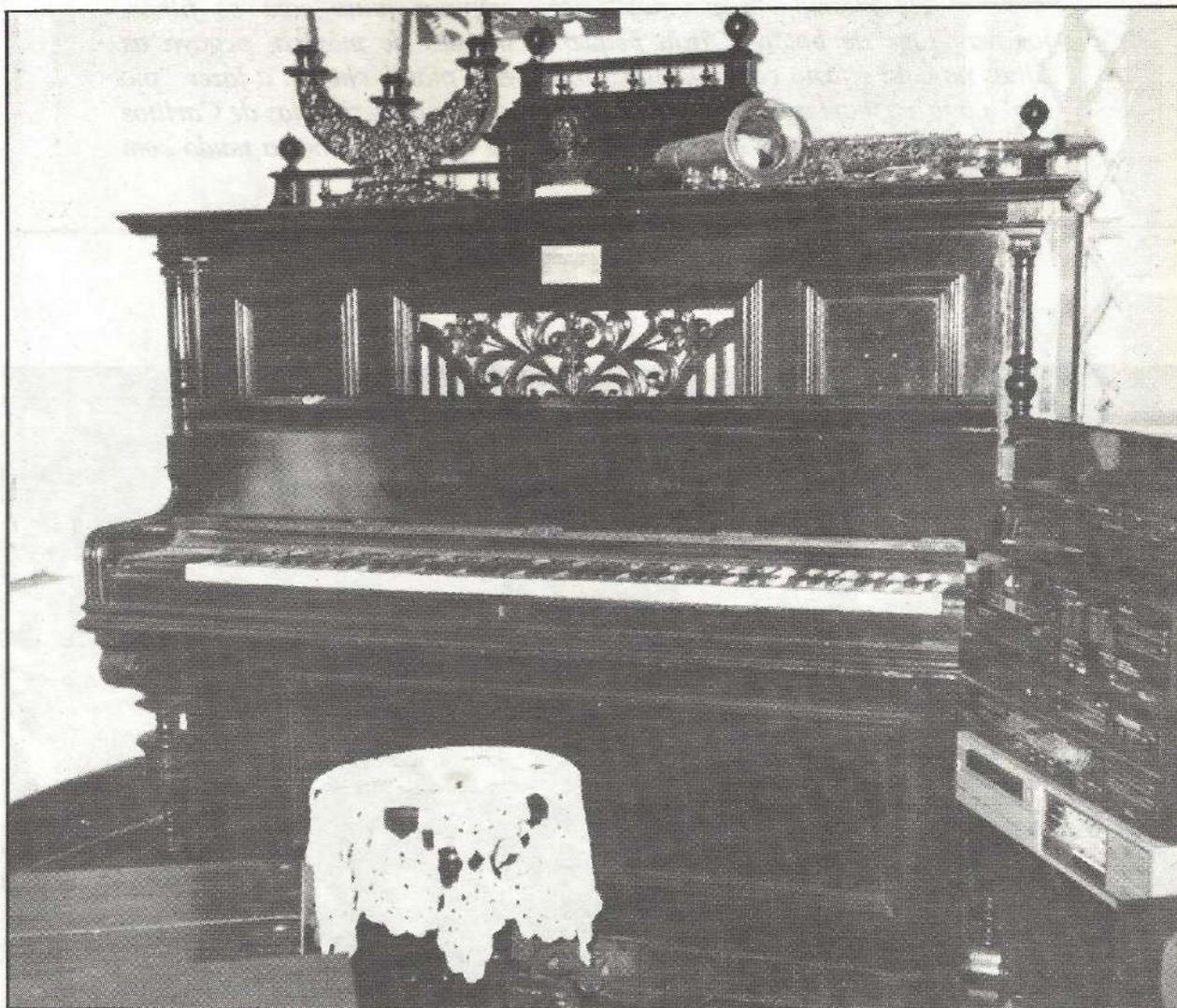
**“C**om o tempo, na proporção em que os seis filhos e filhas iam crescendo, ele se tornou companheiro: gostava de confeccionar, ele mesmo, “papagaios” para empinar junto com os filhos, jogava “time de botão”, fazia pequenos truques de mágica, pegava as filhas no colo e fazia com que elas “tocassem” piano, chegou a fazer “pic nic” na praia, com a família, gostava de descrever as peripécias de Carlitos e Tom Mix cujos filmes ele tanto animou, na época do cinema mudo com seu “piano-pianeiro”.



**Bodas de Ouro de Rosilda e Wilson**

# Música

O piano e o saxofone de Wilson Fonseca (Santarém-Pa.)



Piano: "RITMÜLLER"  
Data de fabricação: 11.03.1910

Saxofone alto: "WERIL"  
Data de fabricação: 23.03.1936

**A** obra de WILSON FONSECA, vista como um todo, transcende escolas ou movimentos. De certa forma, quando ela faz música sacra, peça camerística (nas quais insere matéria-prima telúrico-amazônica), partituras para Banda, ao dedicar-se às pesquisas folclóricas, históricas, entre outras produções suas de gênero variado, é porque ele possui a personalidade versátil, multifacetada e o horizonte abrangente do humanista de águas caudalosas."

### EUTERPE-JAZZ (1933)



Sentados: Raimundo Bezerra, Joaquim Toscano, Anita Fonseca e Felisbelo Sussuarana.  
Em pé: Manuel Almeida, Luís Barbosa Filho, Antônio Anselmo de Oliveira, Pedro Santos, Eyclides Ramos, Wilson Fonseca e José Agostinho da Fonseca.

**“E** mbora sem deixar de prestigiar as tradicionais corporações, que se sucediam ininterruptamente, uma substituindo outra que se esfacelava naqueles tempos pouco favoráveis, por volta de 1925 instala-se em Santarém o Jazz-Band, conjunto musical que então muito se difundia no Brasil. O primeiro desse tipo foi organizado, por iniciativa de José Agostinho da Fonseca, em 1925, batizando-se “Assembléia Jazz-Band”. A novidade causou sensação e logo se impôs. Estreou instrumental novo, ainda desconhecido, como a bateria conjugada, o banjo e outros exóticos instrumentos, como o piston egípcio e... o serrote.”

SALLES, Vicente. *Sociedades de Euterpe*. p. 187



Perílio Cardoso (Velho), Manuel Almeida (Dudu), Joaquim Toscano, Emanuel Almeida (Manduca), Ivan Toscano, José Ramos, Sinézio Almeida, Roldão Camargo, Euclides Ramos (Quidó) e Wilson Fonseca.

**“A** banda de música foi e é, para Izoca, um dos principais veículos de expressão de sua música, por motivos óbvios. Em sua Santarém e até bem pouco tempo mesmo na capital do Estado, Belém, não existiam orquestras ou conjuntos camerísticos que pudessem executar qualquer obra mais ambiciosa ou com maior extensão ou com maior ‘erudição’. ‘Sem intérpretes, para que criar tais peças... para ficarem na gaveta?’ ... gosta de dizer Izoca. Ele tem razão. Assim, uma das principais alternativas foi a banda musical.”



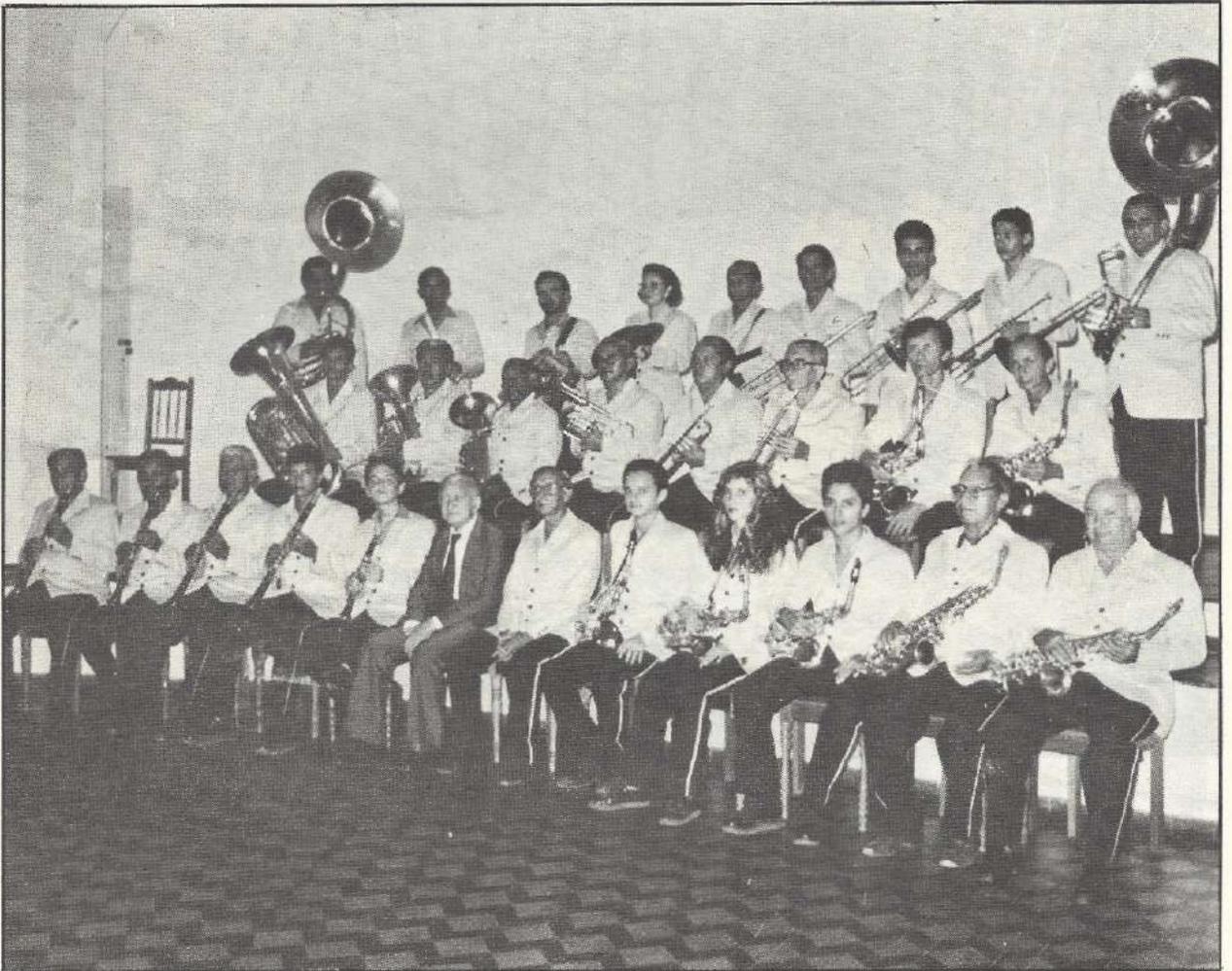
**Banda “Sinfonia Franciscana” - 19.11.1925**  
Wilson saxofonista

**Wilson saxofonista, na Banda Franciscana organizada pelo Frei Ambrósio Philipsenburg - 19.11.1925**

**“F**oi na banda de música que WILSON FONSECA viveu alguns de seus melhores momentos como compositor, porque ela, muitas vezes, era o único instrumento disponível na ocasião para que o Maestro pudesse dar vazão à sua lira criadora.

Como peculiar detalhe denota-se que a música para banda composta por Izoca não tem, quase toda ela, grande dificuldade de execução. ele não escreve para malabaristas. Aqui, o virtuose é o compositor, não os intérpretes.

Uma das justificativas mais aceitáveis para esse fato é que Izoca sempre escreveu com o pensamento voltado para os intérpretes.”



Mestre Izoca e a Filarmônica "Profº José Agostinho" - Foto de 04.09.1993

**“O** s componentes das bandas e das orquestras eram e são, ainda, quase todos, pessoas simples ou com pouquíssima instrução formal, escolar ou musical: tratorista, carroceiro, estivador, vigia, pedreiro, carpinteiro, alfaiate, pescador etc., o que, aliás, não é um fenômeno apenas santareno.

Em Santarém, até pelo menos o final dos anos 70, o ensino da arte de Euterpe, tradicionalmente, para os instrumentos de sopro, salvo poucas exceções, era esforço de abnegados mestres, cujo heroísmo entusiasta e anônimo era colocado em prática em lições ministradas e aprendidas em pentagramas até rabiscadas em papel de embrulho, em instrumentos amassados pelas mãos do tempo, desbotados pelo azinhavre, com palhetas improvisadas, bocais anti-higiênicos, chaves perdidas ou amarradas com pequenas ligas de borracha.

Porém, esse ensino saído das barracas e do empirismo estóico dos humildes sempre foi capaz de produzir instrumentais de boa qualidade e surpreendente desenvoltura, fruto da tenacidade e vocação.

WILSON FONSECA escreveu seus dobrados para esses intérpretes de mãos ásperas e unhas calcinadas, de sandálias nos pés e garranchos no lápis.”



Palestrina e Bach são as duas vigas-mestras que sustentam a original música sacra de WILSON FONSECA.

Neste gênero a música de Izoca chega a um patamar criativo de inspiração reflexiva e mais intelectualizada, onde a introspecção e sinceridade, à procura do sublime, fazem com que sua obra consiga atingir níveis ascéticos elevados e universais, sem, no entanto, perder o liame com suas raízes.

**W**ilson Fonseca, no gênero sacro, principalmente nas Missas, ousou. Correu os riscos inerentes aos grandes empreendimentos e às saborosas vitórias. Teve a audácia de, praticamente isolado no estaleiro de sua Santarém, levantar, com esforço e gênios próprios, enormes barcos sonoros, que flutuam sobranceiros nas águas perigosas e cheias de ciladas técnicas e expressivas, em amazonas já dantes navegados por navios de respeitável calado e de cabotagem internacional. Contudo, como a análise pode, com facilidade, atestar, o seu leme é seguro.

(J. W. Malheiros da Fonseca em Recital dos 80 anos)



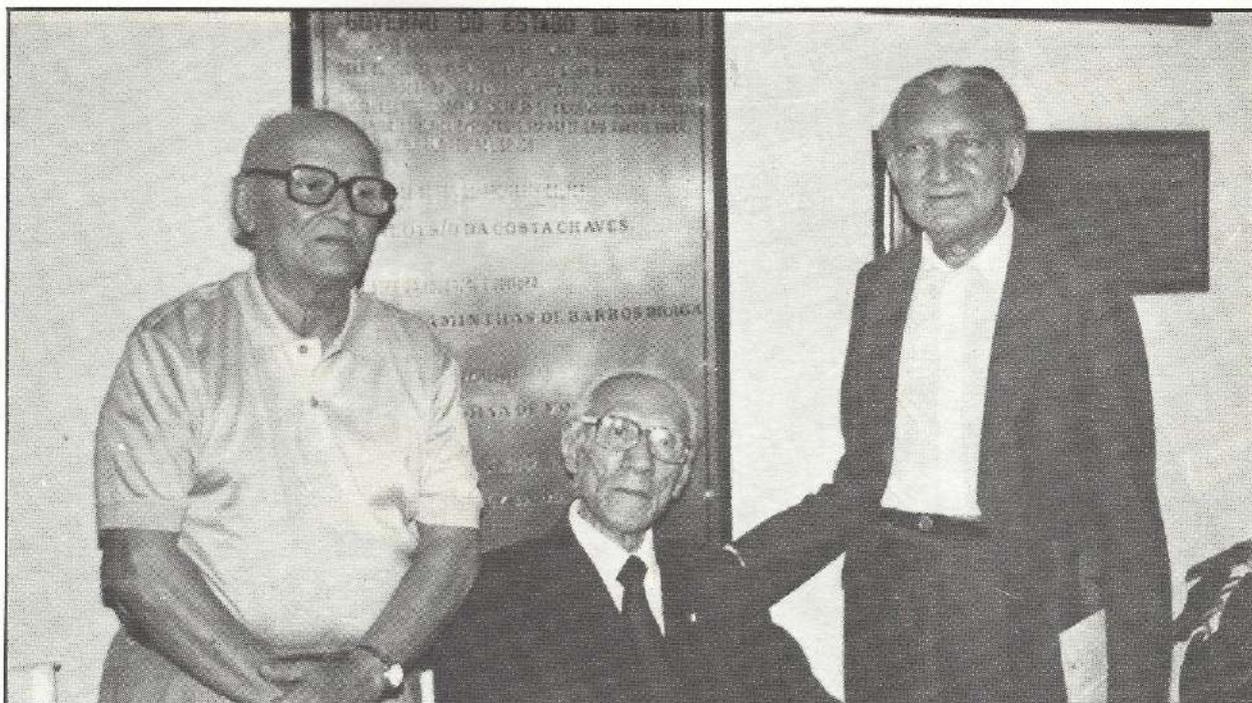
Wilson Dias da Fonseca

**A** música para piano, de Wilson Fonseca, evoca um estado d'alma característico da chamada *belle époque*, onde havia aquela "joie de vivre" matizada de melancolia, de nostalgia. Em certos momentos, algumas peças, sem perderem a originalidade, lembram a música de Ernesto Nazareth, como bem aduziu Meira Filho.

Não nos esqueçamos que Izoca também é um 'pianeiro' e aí estaria, quem sabe, o suposto ponto de contato."

(J. W. M. Fonseca Recital dos 80 anos)

(Pianeiro: pianista de sala de espera de cinemas, cafés, concertos, bailes ou festas sociais).



**Raimundo Pinheiro, Waldemar Henrique e Wilson Fonseca. Teatro da Paz, Belém-Pa. Outubro de 1991**

Para o saudoso músico paraense Waldemar Henrique, a obra de Wilson Fonseca é “sempre original e sugestiva, impregnada de sadio regionalismo, onde a inventiva melódica pontifica sem comprometer a nítida tendência instrumental de um compositor autêntico” (cf. Parecer n° 02/77 - Processo n° 3736, incluso nos volumes publicados de sua Obra Musical).



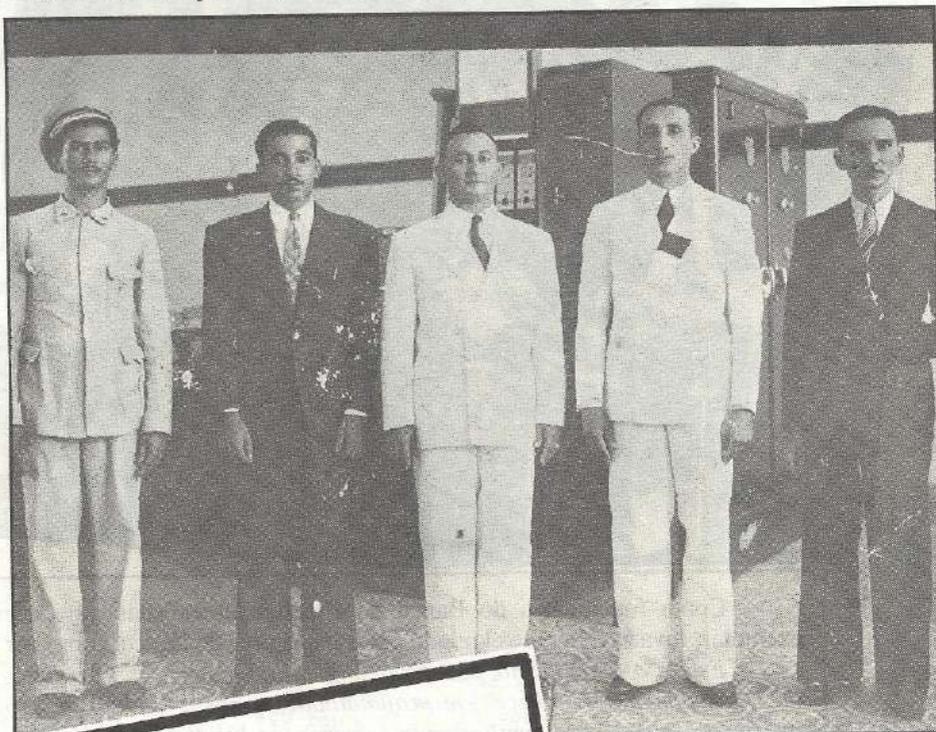
**Vicente Fonseca, Wilde Fonseca, Carlos Mesdrede, Wilson Fonseca, Rosilda Fonseca e José Wilson Fonseca. Inauguração da Escola de Música Maestro Wilson Fonseca - Fundação Carlos Gomes, em Santarém-Pa. - 10.07.1994**

# Trabalho

No Banco do Brasil, Wilson Fonseca trabalhou por mais de três décadas, sempre em Santarém

**Quadro da primeira sub-  
agência do Banco do  
Brasil em Santarém-Pa.  
(23.02.1943)**

**Joaquim Rocha (servente)  
João Casado Lima (caixa)  
Walter Guimarães da  
Silva (agente)  
Joaquim Moura G. da  
Silva (assistente) e  
Wilson Fonseca (auxiliar)**



Pará, 13 de Setembro de 1941

**BANCO DO BRASIL**

VIA AÉREA

Ref : 34/45

BANCO DO BRASIL Santarém

Snr. Agente:

FUNCIÓNIARIOS - Concurso para "Auxiliar de 2ª Classe" - Refe-  
rindo-nos ao realizado em 3 de Agosto último nesse departa-  
mento, remetemos, em anexo, um mapa demonstrativo da apura-  
ção das médias obtidas pelos candidatos no mesmo inscrito, a  
cuja aprovação nos foi comunicada pela Direção Geral em te-  
legrama de ontem.

Assim, e cumprindo, também, instruções de nossa Sé-  
de, autorizamos convidar o sr. Wilson Dias da Fonseca, pri-  
meiro colocado no certame, a satisfazer as exigências regul-  
mentares para a admissão nos nossos serviços, remetendo-nos,  
com urgência, os documentos relacionados no Doc. nº 2 de Ca-  
pítulo 17 da C.I.C., observados, sobre o assunto, todos os  
dispositivos que o regem.

Frizamos, entretanto, que a posse do sr. Fonseca  
depende de prévia autorização de nossa Direção Geral, da qual  
daremos oportuna ciência a essa sub-agência.

Saudações  
Pelo BANCO DO BRASIL - Pará  
Aurélio Freitas  
Orlando Couto

Jac.  
Anexo 1.

**Resultado do concurso  
para o Banco do Brasil  
(03.08.1941).  
Wilson Fonseca foi  
aprovado em 1º lugar**



Wilson Fonseca (sentado, à direita) com os colegas de diretoria da Associação Atlética Banco do Brasil, em Santarém-Pa.

Como funcionário do Banco do Brasil exerceu suas atividades com dignidade exemplar, invariavelmente elogiado pelos inspetores do Banco, como por exemplo:

*Este é o funcionário, sem favor algum, de maior gabarito funcional e intelectual do Departamento. Conhece, em profundidade, o nosso Código de Trabalho, com cujas instruções esta sempre familiarizado... exerce, na Filial, uma espécie de Magistério a que todos recorrem - desde o administrador ao mais modesto funcionário - quando lhes assaltam quaisquer dúvidas na interpretação das instruções regulamentares, tendo sempre para o consulente a resposta adequada. A despeito de seus cinco lustres de Casa, é o primeiro que chega ao expediente e, quase sempre, um dos últimos a sair. E durante ele, expediente, ninguém é mais rápido no teclado da máquina e na redação da correspondência oficial. Está a seu cargo todo o Setor de Funcionalismo e pequenas contas, além de serviços outros de maior importância no setor de contabilidade, cuja execução é ultimada com invulgar esmero, em trabalho que, em várias oportunidades de nossos relatórios, tivemos a satisfação de enfatizar. Musicista de renome estadual, suas composições se revestem de cunho criador e original, variando desde o gênero popular, inspirado nas tradições locais, até o sacro. Na cidade, onde é estimadíssimo pelas suas virtudes morais e cívicas, seu nome tem entrada franca, com justiça, na galeria dos imortais. Muito humano, simples, de convicção religiosa sem fanatismo e vida funcional e familiar exemplares, ninguém na Filial e dificilmente no próprio Banco estaria tão bem apercebido para a função de Gerente, quanto ele. Entretanto, dadas as incompatibilidades de parentesco com vários elementos da equipe do Departamento, não tem podido exercer aquele posto de cúpula, mesmo em caráter transitório, o que, sem dúvida alguma, se registra com muito pesar. Tomamos, contudo, a liberdade de indicá-lo a essa Sede para o posto de Inspetor, cargo que, se chegar a exercê-lo, como desejariamos, confirmará - estamos certos - as referências que aqui, por dever de ofício, tivemos o prazer de consignar a seu respeito.*

Santarém-PA. 18.07.1968.

(A) Faustino Carvalho da Silva.  
Inspetor da 2ª Zona



**BANCO DO BRASIL S. A.** Santarem (PA), 24 de julho de 1972

**BANCO DO BRASIL S. A.**  
-Agência em SANTARÉM (PA)  
N e s t a

Sr. Gerente,

Anexo à presente, cópia do expediente do I.N.P.S. em que comunica encontrar-se na dependência exclusiva de meu desligamento dos serviços do Banco, para a concessão da aposentadoria por tempo de serviço por mim requerida em 03.05.72.

A fim de comprovar meu desligamento do Banco, junto a minha Carteira Profissional e o formulário (em 2 vias) Atestado de Afastamento e Salários (AAS), para que sejam devidamente anotados.

Tendo em vista que o prazo regulamentar de 90 dias expira no próximo dia 31, solicito, conforme acerto verbal, seja considerada essa a data do meu último dia de trabalho.

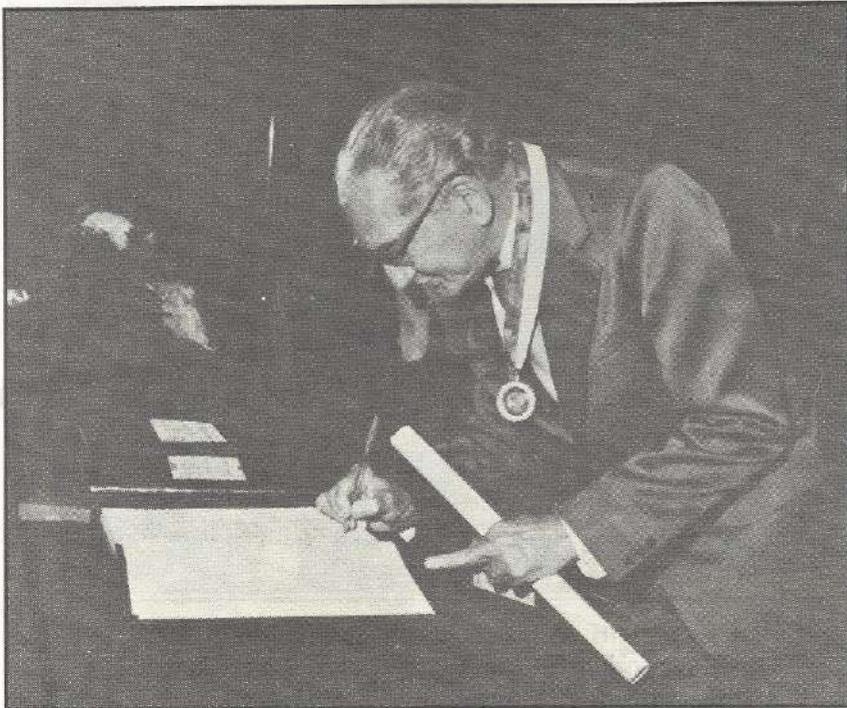
Saudações

*Wilson Dias da Fonseca*  
9.870.040-5-WILSON DIAS DA FONSECA  
-Conferente-de-seção  
-Chefe-de-Serviço-

*Atenda-se ao "grande funcionário" que se encontra no corpo e alma a esta Casa por um período de 15 anos e ora se afasta, vitórias, qual Levi que não sabe descausar sobre suas glórias, para emitir novas contas, todas em benefício desta região que muito o estimou e que dele depende tal qual sua criação. Ao grande Wilson (João), representações de grandeza deste Banco, o mesmo em 24.07.72*

*Wilson*  
Gerente

# Academia



Academia Paraense de Música  
Cadeira n° 24 - "José Agostinho  
da Fonseca"  
Ocupante: Wilson Fonseca  
Posse: Teatro da Paz (Belém-  
Pa.) - 01.06.1982





**Wilson Fonseca, recebendo a notícia de sua eleição para a Academia Paraense de Letras, cadeira n° 7, substituindo o Maestro Waldemar Henrique.**

**Na foto, os acadêmicos: Mário Teixeira, Clóvis Meira, Alonso Rocha, Edgar Contente, Georgenor Franco, Wilson Fonseca, Aláudio Melo e Salomão Laredo.**



**A posse, na Academia Paraense de Letras - (15/09/1995)**

**Dr. Clóvis Moraes Rêgo, Profª Anunciada Chaves, Maestro Wilson Fonseca e Dr. Pedro Tupinambá**

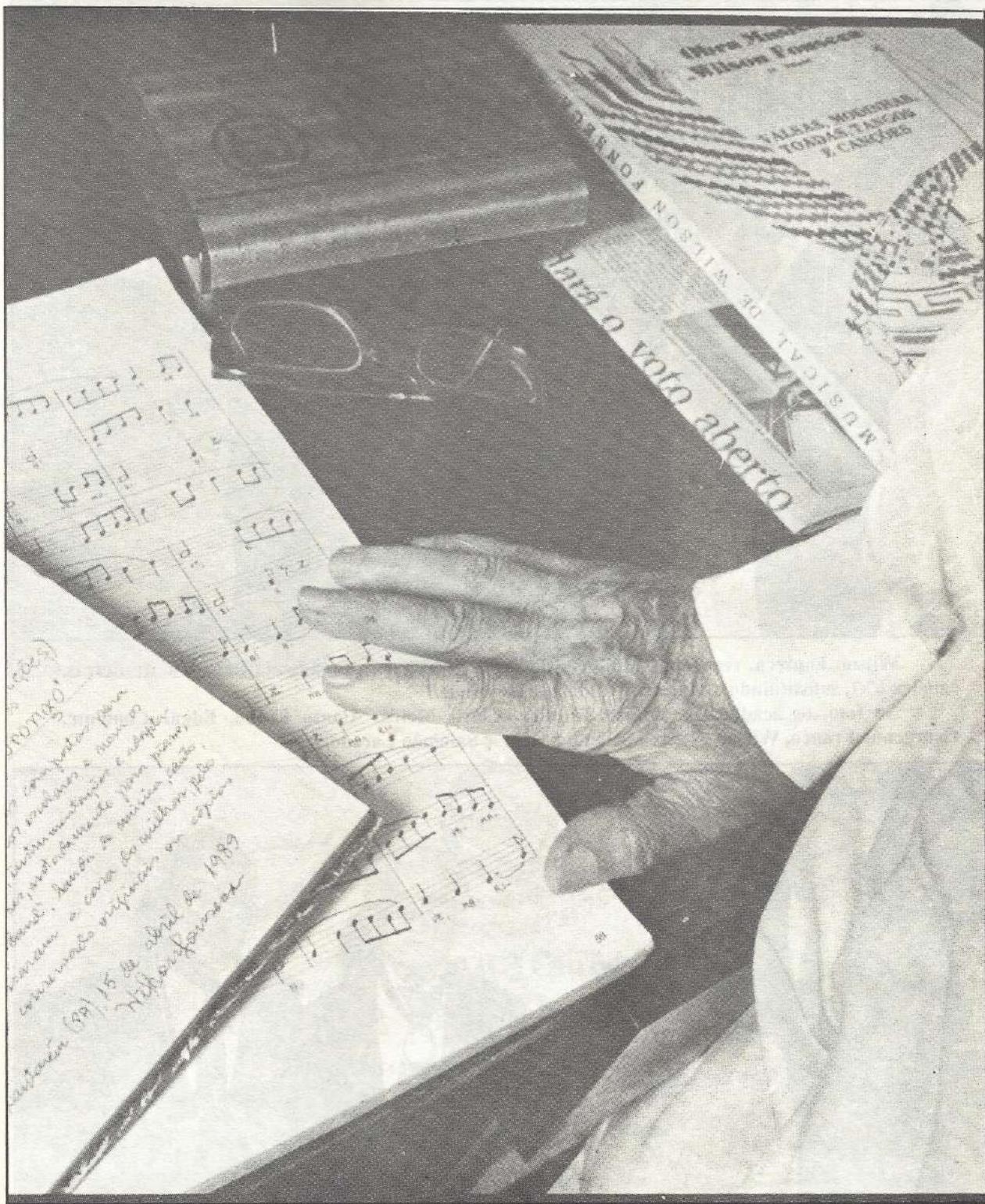


Foto: Elza Lima

**A**s pessoas acham que quando alguém envelhece ele tem de tornar-se sereno. Pelo contrário, você ama muito mais a vida, muito mais seus sentimentos. Ou então eles acham que quando você envelhece torna-se cansado e indiferente... mas se você foi intenso, toda a sua vida, torna-se mais ainda quando envelhece."

(Cláudio Arrau, em "Recital dos 80 anos, de J. W. Fonseca)

## Considerações genéricas sobre a obra e o estilo

**José Wilson  
Malheiros da  
Fonseca**

Magistrado Trabalhista do  
Tribunal Regional do  
Trabalho. Regente do Coral  
do Tribunal Regional do  
Trabalho da 8ª Região.  
Poeta e cronista. Professor  
da UFFa e filho de Wilson  
Fonseca.

A vida, mesmo hoje, em Santarém e em outras cidades dos interiores do Baixo Amazonas, de certa forma, ainda não viu as grandes mudanças sócio-econômicas tão esperadas e parece transcorrer sem muita pressa e relativamente tranqüila, nas manhãs ensolaradas, nas tardes de mormaço à beira dos rios e lagos sonolentos. É verdade que a garimpagem e a afluência de pessoas de outras regiões exerciam alguma influência, principalmente na terra santarenense, porém isso não ocorreu com a intensidade almejada, principalmente, pelo segmento econômico.

Em muitos dessas localidades da região ainda se “torna a bença”, senta-se à porta após o jantar, para conversar, compra-se peixe fresco na canoa à beira-rio, dorme-se a sesta e se frequenta festas de arraial. São costumes avoengos tão arraigados que têm, em maior ou menor intensidade, resistido ao rádio e à televisão.

Imagine-se Santarém por volta de 1934/1945: sem avião, sem telefone, luz de candeeiro ou lamparina, alguidar na cozinha de fogão a Lenha, navios sazonais, comunicação restrita ao tradicional “telégrafo-sem-fio” etc.

É neste contexto, a partir da década de 1930, que a obra musical de Wilson Fonseca deve começar a ser analisada. Era a época em que algumas das companhias teatrais européias, que iam para Manaus, ainda chegavam a passar pela cidade e aí se apresentavam.

A música de “jazz” americana corria o mundo mas só chegava a Santarém por acaso, em partituras esparsas; as famílias mais abastadas ainda mandavam seus filhos estudar na Europa; as moças da classe alta tocavam Chopin ao piano; os filmes de “cinema mudo” eram animados ou pelos “pianeiros” Izoca e sua irmã Anita, por seu pai José Agostinho ou por Raimundo Fonna, entre outros.

Como criar repertórios para seus conjuntos e renová-los sempre, como era necessário, em uma terra tão distante e praticamente isolada dos grandes

centros? Máxime em se tratando de uma época em que eram falhos e morosíssimos, principalmente para a região, os meio de transporte e comunicação e em que quase tudo neste Brasil era importado da Europa, inclusive partituras? (Wilmar Fonseca - “O Músico Poeta” - pág. 39).

Como se deduz, a alternativa encontrada tanto por Wilson Fonseca, como pelo seu pai, não poderia ser diferente: CRIAR!

Mas, era necessário fazer música que fosse coerente com as aspirações, tendências e “modismos” da época. E foi o que aconteceu. As músicas e arranjos são feitos sempre pelo próprio Izoca.

Enquanto, no sul do país, o brasileiroíssimo Lamartine Babo fazia “Canção Para Inglês Ver”, “Lola” (ambas em cadência de FOX, Mário Lago e C. Mesquita criavam “Mulher”, “Nada Além” (também em ritmo de FOX), Sinhô lançava o samba “Jura”, Noel Rosa seus sambas famosos “Fita Amarela” e “Feitio de Oração”, Zequinha de Abreu fazia os seus “Tangos”, Wilson Fonseca “escondido” na longínqua Santarém, mantinha-se sintonizado com o tempo e compunha para suas orquestras de dança (das quais faziam parte metais e cordas), entre outras: “Garotas Modernas” (Fox-Blue 1934), “Amar e Beijar” (Fox-canção 1934), “Noite de Encantos” (Fox-trot 1934), “Desolação” (Tango-canção 1934), “Foi Saudade” (samba 1935), todas estas publicadas no “Jornal das Moças” do Rio de Janeiro (não se havia chegado, ainda, à era da popularização do disco), que era, então, a capital do país. Há dezenas de outras peças deste gênero chamado de “popular”, compostas por Izoca. Elas estão no levantamento mencionado às fls. 175 e seguintes do I Volume de sua Obra Musical.

Muitas vezes as “partes cavadas” dessas e de outras músicas do Maestro eram levadas para serem tocadas, por exemplo, em Aritapera, Aramanai, Fordlândia, Alenquer etc., em festas populares.

Wilson Fonseca é desses compositores sobre quem se pode afirmar que sua música está estreitamente relacionada com sua biografia. Mesmo

assim, como vai se expor mais adiante, há alguma dificuldade em se estabelecer, com rigor, etapas bem definidas de evolução técnica, já que ele, além de gostar de "corrigir" detalhes enquanto a música não é publicada, vem mantendo coerência e unidade ao longo de sua obra, com raras exceções.

Analisando-se de maneira global a música de Wilson Fonseca, observa-se que ela não é produzida, conscientemente, com fórmulas de teorias ou escolas preconcebidas. Ele, metucioso, perfeccionista, sempre soube que a música vem do sentimento, da alma, do espírito, sendo, portanto, a expressão da personalidade do compositor. Por isso, para Izoca, ela não pode e não deve ser criada de maneira cerebrina para adequar-se a certos moldes preestabelecidos, com o intento, talvez, de aparentar erudição, inclusive com o intuito de agradar a meia dúzia que querem adaptar o talento às suas conveniências exóticas. O compromisso maior de Izoca é com o ouvinte. Ele é daqueles que acreditam que a música deve ter empatia com quem ouve, com o homem comum. E isso ele, sem dúvida, consegue, combinando o sublime com o "popular" na sinceridade de sua música. O nacionalismo, o regionalismo também estão presentes em sua arte, como características de seu romantismo.

Sendo Wilson Fonseca um compositor amazônida - mas universal - é telúrico. A terra em que nasceu, inevitavelmente influenciou seu temperamento, sua visão de mundo, daí que seu pentagrama prolífico é produto desse "status", também.

Que música poderia ter concebido Izoca, senão a que ele criou, sempre vivendo às margens alvacentas do "rio do ouro", o Tapajós, de olhos verdazuis cristalinos como os de sua mãe, D. Aninhas?

Eis um dos segredos da emotividade da arte de Izoca e de sua personalidade serena, carismática, domada pela música.

As ligações e influências maiores ou menores da música sobre personalidades tais como Standhal, Delacroix, Gide, Maurois, Kafka, Rubem Dario e outros, está bem demonstrada por Federico Sopenha (Música e Literatura, Ed. Nerman/1974).

...A música pode oferecer um ponto de partida para a meditação, pode servir como auxiliar e instrumento para relaxar, para concentração e atingir a quietude interior... os maestros são notavelmente longevos, presumivelmente porque estão rodeados de música que propicia a vida... (Andrew Watson e Nevill Drury - "Musicoterapia", Ed. Ground, págs. 23, 25, 34 e 41).

Como ligeiro exemplo da regra citamos Pablo Casals (faleceu aos 96 anos). Verdi (morreu com quase 90). Waldemar Henrique (faleceu aos 90 anos)

e o próprio Wilson Fonseca, atualmente com 82 anos.

As composições de Izoca têm logicidade de construção. São costuradas com apurados contrapontos, que, em momento algum, empatam o desenrolar da melodia, sempre inconfundível, farta, rica. Ele é um "melodista". Há em sua música, proporção de equilíbrio na fusão entre a textura vertical (harmônica) e a horizontal (polifônica).

Isto foi percebido pelo eminente Prof<sup>o</sup> Vicente Salles (musicólogo, folclorista) que diz... Wilson Fonseca não precisou sair de sua cidade natal para se consagrar à música e ser, hoje, consagrado como um dos mais importantes compositores do Pará. O que sabe é herança paterna, produto de muito estudo e muito trabalho. Mestre do contraponto e da polifonia, é quase inacreditável que, na sua longínqua Santarém, tenha adquirido com persistente esforço o conhecimento que possui da arte de compor. Lembra seu aprendizado o do Padre-Mestre José Maurício Nunes Garcia, ou melhor ainda, o dos mestres do barroco mineiro: todos eles longe dos grandes centros ou da civilização européia e, no entanto, pelo próprio esforço, produziram obras admiráveis ("Sociedades de Euterpe" - Ed. do Autor/1985, 2ª Edição, pág. 205 e Santarém. Uma Oferenda Musical/1981).

A análise das partituras de Wilson Fonseca demonstra que sua música está entranhada de farto lirismo e que tem, em certos momentos, certa sensualidade mais ou menos escondida. Seu gênero inventivo é essencialmente tonal. Ele, como se disse antes, não escreve para especialistas e sim para o comum dos mortais e descobriu, muito cedo, que ...com a supressão da tonalidade, o centro da música foi destituído, e inúmeras tentativas de fixar teoricamente outras leis fracassaram. As experiências com novos sistemas composicionais também não apontam para nenhuma saída.

Que o gênio pudesse, em alguns casos, criar coisas importantes, não é prova em contrário (Kurt Pahlen - Nova História Universal da Música - Ed. Melhoramentos - pág. 437).

O que vai se expor a seguir não tem a finalidade de incensar, mitificar, valorizar a figura de Izoca. A ética não permite. Além disso, os fatos a seguir narrados são frutos da vivência pessoal da convivência diária com o Maestro, naquela época, na condição de filho. Desejo, tão somente, resgatar a verdade factual, consciente e sem obliterar-me pela afeição filial. Além do mais, Izoca não precisa de polêmicas ou falsas versões para brilhar, como é notório.

A modéstia e a humildade são dois dos traços bem conhecidos da forte personalidade do Maestro. A bem da verdade, quando se menciona em seu "currículo" que ao começar a compor música sacra ...troca correspondência com o renomado Mestre

alemão Frei Pedro Sinzig OFM, que reside no Rio de Janeiro, dele recebendo lições preciosas e indicações das fontes de saber... falecido Frei Pedro ...voltou-se para Frei Alberto Kruse (Tomás Samaí) com quem continuou os estudos e ampliou seus conhecimentos de contraponto e polifonias... esses contatos, ainda que valiosíssimos, pelo inegável e reconhecido quilate dos Mestres, por ele assim considerados, no caso de Frei Pedro a "correspondência" ocorreu em pouco mais de meia dúzia de cartas, por sinal, ainda guardadas com carinho no arquivo de Izoca. Quando Frei Alberto, este autor, ainda adolescente na oportunidade, lembra-se muito bem daquele padre alemão de quase dois metros, vermelho e de semblante austero, batina de franciscano - vivia entre índios - que aparecia pela casa do Maestro para pedir cigarros, tocar piano e orientá-lo.

Foram, ao todo, umas dez ou doze visitas... Frei Alberto enviou a Izoca alguns "bilhetinhos", também guardados nas gavetas do Maestro. Frei Feliciano, segundo o próprio Izoca, tocava com ele piano a quatro mãos, regia corais, não sendo, concluiu-se, a rigor, um professor. Isto reforça as afirmações de Vicente Salles, acima, confirmando-as.

De Augusto Meira Filho (A Província do Pará, Belém, 04.12.77):

*"Izoca se situa, a nosso entender, entre as escolas do fim do século XIX e dos primórdios deste século, tempo em que a alma brasileira se retrataria na obra admirável de Ernesto Nazareth e, em nossa região, sob a inspiração de Meneleu Campos.*

*O poder criativo em larga escala desse querido artista se revela, a cada passo, entre os espíritos de compositores nacionais daquele período, quando toda a sua arte cresce nos mesmos jardins de beleza e saudade onde se inspiraram alguns mestres do passado.*

*Sua forma, seu conteúdo, sua predominância e sua cadência edificam e, ao mesmo tempo, derramam sobre nós, a candura da meninice e os segredos da adolescência... essa a contribuição maravilhosa de Wilson Fonseca.*

*Ele pinta, retrata, fixa com elementos de sua arte, em painéis de extrema saudade, toda a alma e história de sua gente...*

*Izoca é cantor das águas puras e mansas do rio imenso que orna a beleza de sua terra... uma obra bem brasileira que precisa ser descoberta pelos grandes centros...*

*Santarém está viva, coroada de flores silvestres, presente, palpitando, em cada coração que se exalta ouvindo a música de seu grande artista."*

Genesino Braga (A Província do Pará, Belém, 26.03.1978) extravasa que:

*"...esta música, de alma e expressão genuinamente amazônica, evoluída com a mescla de ritmos e sentimentos vários e elevada a um estágio de mestria apurada de elementos dinâmogênicos, que caracteriza a obra, já hoje copiosa e opulenta, do compositor e Maestro Wilson Fonseca... é ela música de base e substância... pelos segmentos de vocação artística e densidade de recurso emocional que lhe são inatas no compositor... pela preeminência que assume como intérprete autônomo de uma evolução daquele mencionado processo de mescla de raças e sentimentos... desde o berço, desde os primeiros vagidos do recém-nascido - e daí para sempre - teve a música sonorizando-lhe as horas todas da vida... ali mesmo, entre as quatro paredes da sonora e harmoniosa casa paterna e sob os ensinamentos do pai, fez-se músico."*

Claver Filho (Correio Brasiliense - Brasília-DF - em 12.12.1978) sobre a obra de Izoca para Coral:

*"Essas peças chegam num momento em que os corais brasileiros estão utilizando péssimas composições e arranjos, adaptações fraquíssimas que pouco demonstram quanto ao bom gosto. As obras corais de Wilson Fonseca só fazem enriquecer o repertório de nosso grupos vocais..."*

Edgar Augusto (Diário do Pará, Belém, 16.08.1992): Em sua coluna "Música Popular" o renomado jornalista e crítico musical paraense, assim se refere ao disco LP da Coleção "Nos Originais - vol. 3", lançado pela Universidade Federal do Pará, Núcleo de Artes, Escola de Músicas, contendo

algumas peças do variado poder inventivo de Wilson Fonseca:

*“Wilson Fonseca, finalmente, perpetuado numa gravação histórica. Tive o privilégio de conhecer, durante uma viagem a Santarém, a figura do grande maestro e compositor Wilson Fonseca. Um homem simples, mas respeitadíssimo pelo valor da obra que criou através de muitos anos... lembro-me de ter ganho uma revista com partituras de suas composições. Izoca tem consciência do valor do trabalho que desenvolveu. Foram resgatadas coisas geniais como “Good Bye My Girl” (tocada ao piano por quatro mãos através das professoras Nazaré Pinto Marques Pinheiro e Lúcia Valério Couceiro). “Maio Em Valsa” (solo da pianista Luiza Camargo), “Lundu” (com Maria José Moraes na flauta). “Eula” (com os teclados de Dóris Azevedo) e “Boca Preta” (samba de carnaval com Leonora Menezes de Brito). Nas músicas com letras, dividiram-se os Corais Dóris Azevedo e Helena Coelho em interpretações tradicionais e corretas. Izoca já merecia. Vocês podem achar o LP no Campus da UFPa. Corram, porque pode acabar.”*

Em março de 1991 Wilson Fonseca recebeu, em casa, alguns intelectuais, jovens entusiastas das coisas, das artes, política, tradições etc. santarensas, para uma entrevista. O conteúdo da fala do Maestro, nessa entrevista oportuna e bem feita, não será aqui publicado por falta de espaço. Vejamos, entretanto, a reação dos entrevistadores após a conversa com Izoca. O jornal é o “Arte & Manhã - Uma Alternativa Cultural”, ano 1, nº 1, março de 1991: Não, não foi uma viagem no barco do prefeito. Foi uma caminhada à casa do senhor maior músico de Santarém. Um histórico cruzeiro cultural promovido pelo pacote turístico do recém-nascido jornal Arte & Manhã. Nessa aventura inesquecível, embarcaram, com os poetas João Bosco e Alderico Pinto, o câmeraman Odinei Turges... uma máquina filmadora... uma fita para vídeo-cassete VHS... um gravador... duas fitas-cassete... uma lapiseira e duas folhas de papel... além de uma máquina fotográfica... Todos os viajantes voltaram satisfeitíssimos com a extraordinária receptividade a eles dispensada. Da simplicidade a mais alta dedicação! Foi o que todos extasiados de satisfação exclamavam: “Esse cara não existe!” Comentava a filmadora; “que

*enciclopédia!”* Murmurava o gravador; a lapiseira, de tão impressionada, pasmava boquiaberta e escrevia muda e a máquina fotográfica no seu canto, ou melhor no seu ângulo, falava para o flash: *fica atento pois eu não quero perder nada.* Diante desses imaginários-reais da conversa, os poetas nada mais puderam fazer do que concordar balançando a cabeça pra baixo e pra cima. O Arte & Manhã com grande expectativa convida os leitores a saborearem esse manancial de informações culturais... Essa entrevista enfocou temas musicais, políticos, culturais, históricos, teatrais, folclóricos etc.

Eis como o repórter Jeová Queiroz (“Interior” - Revista Bimestral do Ministério do Interior, ano X, nº 58 - setembro/outubro/1984) viu Wilson Fonseca, às páginas 30 e seguintes dessa revista:

*“...A cidade de Santarém, no Estado do Pará, surgida, ninguém sabe ao certo quando, na confluência do Rio Tapajós com o Amazonas, vive imprensada entre a vastidão do mar de água doce formado pelos dois rios (por onde chega a maioria dos invasores) e a exuberância da floresta. Uma cidade que se fez sobre as cinzas de outra civilização, a Tapajós, que deixou como marca de sua existência apenas cacos e objetos dispersos de cerâmica.*

*Sobre as cinzas da civilização desaparecida, ainda hoje mistério completo, nela se formou um povo que, para sobreviver, moldou um modo próprio de se entregar para resistir. Exemplo dessa capacidade é a cadeira de balanço, nos fins da tarde para a noite, na calçada, que permite ao mocorongo (termo com que se tratam na intimidade os habitantes de Santarém) acompanhar com um olho as desventuras e venturas de uma família de Ipanema (novela de TV) e, com outro, o movimento da rua.*

*É com essa capacidade de moldar o novo a seu modo de viver, surgido do confronto, muitas vezes trágico, entre o índio e o colonizador, Santarém engana e envolve o estrangeiro pela aparência. Ali todos os conceitos e preconceitos vindos de fora se desmancham. Como adverte o poeta José Wilson Fonseca: ‘É a Amazônia! Na alma, o mistério... no corpo, um sentimento indefinido que ao traduzir não faz sentido...’*

*Santarém é a cidade mais amazônica do mundo.*

*Embora considerada impossível, a definição da maneira de ser mocoronga é*

sempre tentada. Wilson Fonseca, compositor e historiador, filho da terra, afirma que Santarém deve ser uma das raras cidades interioranas do Brasil que se podem orgulhar de possuir música própria, com características peculiares definidas. Ele fala com a autoridade de quem teve composição musical executada na Catedral de Chicago, discos editados e quatro volumes de partituras publicadas, além de outros seis prontos para serem impressos.

Aliás, uma visita à casa simpática de Wilson Fonseca deve ser o ponto de partida para quem pretenda não se perder nas aparências e se iniciar um pouco nos mistérios da cidade de Santarém. Entre pianos, órgão eletrônico, instrumentos musicais e partituras, ele, hospitaleiro, como todo mococongo, não perde tempo para abrir, ao visitante curioso, seu arquivo particular. Como um tesouro, ele guarda preciosidades sobre a história, ou sobre algumas das muitas

histórias ainda não escritas de sua terra natal.

Em capítulo de uns dez volumes já escritos, sob o título geral de *Meu Baú Mococongo*, o historiador montou documentário sobre a arquitetura colonial da cidade, ilustrado com fotografias. Tal registro, que desce a detalhes de reproduzir pinturas e quadros dos prédios mais históricos, assume agora extraordinária dimensão diante das várias recentes demolições ou 'reformas'. Entre os monumentos catalogados por Fonseca está o célebre Teatro Vitória, do qual, além da descrição e fotografias, o historiador guarda com zelo o programa original de sua inauguração, datado de 28 de junho de 1896."

Cremos que estes registros ajudarão a análise da personalidade multiforme de Wilson Fonseca e de sua música.



O "TEATRO VITÓRIA" após a restauração feita em 1933 pelo prefeito Ildelfonso Almeida

Letra e Música de  
Wilson Ferreira  
(1954)

# LENDA DO BÔTO

4 vezes iguais

QUAN-DO BÔ-TO VI-ROU GEN-TE PRA PRA-CAR NUM PU-XI- RUM,  
 z misterioso

QUAN-DO BÔ-TO VI-ROU GEN-TE PRA PRA-CAR NUM PU-XI-  
 RUM,  
 z

TROU-XE-O LHO; TROU-XE-A FLE-CHA; TROU-XE-A TÊ MUI-RA-BU-ÇA  
 E DAN-ÇOU A NOI-TEIN-TEI-RA COM A

UM GRAN-DE MIS-TÉ-RIO NA RO-ÇA SE FAZ:  
 BE-LA CU-NHAN-TA **Meno I**  
 mf

FAZ E O BÔ-TO LI-GEI-RO NAS ON-DAS SU-MIU DEI-XAN-DO CA-BO-CLA NA BEI-RA DO RIO.  
**rit.**

SEM-QUER LHE PER-GUN-TA: "QUEM FOI TEU A-MO?"  
 CA-BO-CLA RES-PON-DE: "FOI BÔ-TO, SI-MHO!" **f**

SEM-QUER LHE PER-GUN-TA: "QUEM FOI TEU A-MO?"  
 CA-BO-CLA RES-PON-DE: "FOI BÔ-TO, SI-MHO!" **f**

**Allegro 3**